

Pesquisa avalia impactos socioeconômicos da implantação de tecnologias de baixo custo em unidade familiar

Na comunidade de São Bento, zona rural do município baiano de Remanso, já são mais de 5 anos que as chuvas ocorrem abaixo da média e antecipam a seca das plantas que, sem folhas, reduzem a muito pouco a capacidade de suporte forrageiro da Caatinga na alimentação dos rebanhos. Em muitas propriedades, as baixas ou até mesmo perdas totais das produções nesse período fizeram crescer a renda derivada de atividades não agrícolas, como é o caso das aposentadorias, no sustento dos agricultores e de suas famílias. Não foi o que aconteceu, no entanto, no Sítio Jirau.

Desde 2010, os proprietários do sítio – o casal Ranulfo Lopes de Almeida e Maria das Graças Gomes de Almeida – fazem parte de um projeto de transferência de tecnologia realizado pela Embrapa Semiárido em parceria com a Chesf que abrange tanto a agricultura de sequeiro como a irrigada. O trabalho foi desenvolvido por meio de Campos de Aprendizagem Tecnológica (CATs), uma espécie de espaço pedagógico para experimentações técnicas individuais e comunitárias. Durante o projeto, foram implantadas culturas como palma Orelha de Elefante, leucena, sorgo e gliricídia, além de atividades como a pasteurização de leite para o processo de fabricação de queijo de leite de cabra.

Um estudo realizado pelo pesquisador José Lincoln Araújo, da Embrapa Semiárido, revelou que as tecnologias introduzidas na propriedade ao longo do projeto produziram impactos sociais e econômicos significativos, proporcionando um aumento expressivo da renda agrícola na unidade produtiva estudada e, consequentemente, melhorando a qualidade de vida da família.

De acordo com o estudo, o número de animais dos rebanhos caprino e ovino existentes no período de instalação do CAT triplicou após 6 anos de execução do projeto, passando de cerca de 100 cabeças para aproximadamente 300. Os animais comercializados antes da inter-



Foto: José Carlos Ribeiro

Seu Ranulfo e Dona Maria das Graças triplicaram o rebanho e aumentaram a renda da família.

venção na propriedade eram bem jovens (3 a 4 meses) e pesavam em torno de 5kg – isso porque, no período de seca, não havia comida disponível para a alimentação de todo o rebanho. Atualmente, são vendidos cerca de 70 animais por ano, geralmente machos, com peso médio de 12kg, ao preço de R\$ 120,00 cada animal, gerando uma renda anual de R\$ 8.400,00 para os produtores.

Outro impacto econômico bastante significativo para a melhoria da renda na propriedade estudada foi a ampliação da produção do queijo de cabra, que passou de quatro para dez unidades diárias (600g), no período de maior lactação do plantel, e da produção de um para quatro unidades, no período de menor lactação. A atividade gera uma renda aproximada de R\$ 3.000,00 mensais nos períodos com maior lactação e R\$ 1.200,00 no período de menor lactação.

Ainda segundo o estudo, o comparativo do total da renda agrícola obtida antes e depois da introdução do CAT apresenta a ocorrência de um incremento superior a 200%. Antes da intervenção tecnológica, a renda não agrícola, que corresponde às aposentadorias rurais do casal de produtores, representava mais de dois terços da renda total da família, enquanto atualmente a renda agrícola supera a não agrícola.

Houve, ainda, melhoria no nível do bem-estar físico e social: a substituição da energia, antes proveniente de placa solar emprestada, por energia elétrica; a melhoria no padrão alimentar; e o aumento de bens de consumo, com a renovação de diversos eletrodomésticos, entre eles geladeira, máquina de lavar roupa, televisão etc. – todos sinais marcantes da recente melhora da qualidade de vida da família.

Cooperação para o desenvolvimento sustentável do Vale do São Francisco

Projeto realizado em parceria entre a Embrapa Semiárido e a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) beneficiam agricultores e comunidades rurais dos municípios do entorno da Barragem de Sobradinho, na Bahia. O resultado da apropriação de tecnologias é a elevação das produtividades, economia de insumos e a consolidação de sistemas agrícolas mais harmonizados com o meio ambiente. Pág. 6



Novos projetos vão capacitar milhares de agricultores familiares

Pág. 2

Artigo destaca estratégia institucional comum

Pág. 3

Parceria com escola contribui para melhor qualidade do ensino

Pág. 7

Embrapa - Chesf Novos Projetos

Expandindo uma parceria que deu bons resultados no Projeto Lago de Sobradinho, a Embrapa Semiário e a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) firmaram mais dois acordos de cooperação para executar o projeto “Ações de desenvolvimento para produtores agropecuários do entorno do parque eólico de Casa Nova-BA – Eólicas de Casa Nova” e “Ações de desenvolvimento para produtores agropecuários e estudantes dos Lagos do São Francisco”.

O primeiro tem execução de seis Planos de Ação (PAs) prevista até 2020 e circunscrita a propriedades rurais localizadas no entorno do parque eólico, contemplando aproximadamente 25% da área total do município (9.697,4 km²). Sua meta é beneficiar, diretamente, 82 e, indiretamente, 1.050 agricultores familiares em temas como sistema de produção de leite e de produtos alimentares, fruticultura de sequeiro e criação racional de abelhas.

O segundo é mais abrangente. Fruto de cooperação envolvendo Embrapa Semiário, a Chesf e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), terá atuação em 12 municípios de quatro estados na região do Médio São Francisco: Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco.



Ao longo de 36 meses, tempo de duração do projeto, equipes multidisciplinares de pesquisadores, professores e técnicos desenvolverão os trabalhos por meio de dez Planos de Ação, com metas e objetivos voltados à formação de 4 mil agricultores e agricultoras familiares.

Durante sua execução, serão realizados cursos, treinamentos, palestras e dias de campo, envolvendo não apenas pessoas das comunidades assistidas, mas, também, de outras áreas dos municípios, com a finalidade de ampliar a adoção das tecnologias.

As estratégias constantes nos Planos de Ação têm, ainda, o objetivo de mitigar o uso excessivo de insumos nos plantios e dos recursos naturais, sem prejuízo da produtividade agrícola e da segurança alimentar das famílias.



Prêmio Celso Furtado de Desenvolvimento Regional

O sucesso do Projeto Lago de Sobradinho recebeu um importante reconhecimento: o primeiro lugar do Prêmio Celso Furtado de Desenvolvimento Regional, na categoria “Projetos Inovadores para Implantação no Território”. Em sua quarta edição, a premiação, oferecida pelo Ministério da Integração Nacional, contempla projetos e estudos que estimulem o desenvolvimento de municípios e de regiões. O objetivo é fomentar, discutir e divulgar estratégias que contribuam para o desenvolvimento regional em todo o país, levando em conta as potencialidades e a realidade de cada lugar.

Expediente

Jornal do Semiário é uma publicação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Chefe-Geral

Pedro Carlos Gama da Silva

Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

Flávio de França Souza

Chefe Adjunto de Transferência de Tecnologia

Sergio Guilherme de Azevedo

Chefe Adjunta de Administração

Neide Medeiros Gomes Lopes

Responsável pelo Núcleo de Comunicação Organizacional

Fernanda Muniz Bez Birollo

Redação/Edição

Marcelino Ribeiro (MTb/BA 1127)

Fernanda Birollo (MTb/AC 81)

Maria Eduarda Abreu (Estagiária)

Revisão

Sidinei Anunciação da Silva

Gilberto de Souza Pires

Projeto Gráfico/Diagramação

Paulo Pereira da Silva Filho

José Cletis Bezerra

Contato

semiario.impressa@embrapa.br

Embrapa Semiário

BR 428 – Km 152 - Zona Rural

Caixa Postal: 23

CEP: 56302-970 - Petrolina - PE - Brasil

Fone: (87) 3866-3600

Fax: (87) 3866-3815

www.embrapa.br/semiario

Projeto Lago de Sobradinho

projetolagodesobradinho.blogspot.com.br

Tiragem: 500 exemplares



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



Convênio melhora estrutura de ensino em escola pública

Foi durante um estágio na Embrapa Semiário que o estudante Fabrício Moura dos Santos descobriu um sentido para o curso de Técnico Agrícola. Aluno do Colégio Estadual Sete de Setembro, em Sento Sé (BA), achou um caminho profissional percorrendo laboratórios, bibliotecas, áreas experimentais e participando de ações de transferência de tecnologias junto a agricultores.

Em pouco mais de 1 mês, distante da sala de aula e convivendo com o ambiente da pesquisa, os assuntos dos livros ganharam significados que, para ele, levam à boa formação profissional e a opções de trabalhos mais dinâmicos.

Aprendizado - Desde que pesquisadores e técnicos da Embrapa e da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) juntamente com a direção do colégio estadual, em 2011, construíram afinidades entre o projeto de desenvolvimento agrícola dos municípios que margeiam o lago formado pela Barragem de Sobradinho e a dinâmica pedagógica dos cursos oferecidos, o centro de pesquisa já recebeu, para estágios, cerca de 150 estudantes.

Alguns deles participavam animados dos minicursos promovidos na terceira edição de um dos principais frutos da parceria Embrapa-Chesf-Colégio: a Expo7 Show. Dhône de Almeida Ribeiro, por exemplo. Aluno do 4º ano do curso de Técnico em Agropecuária, é só elogios à parceria que juntou a escola e o projeto. Filho de família agricultora, sabe das coisas da roça desde pequeno. Hoje, aos 20 anos, se dedica a aprender mais sobre o ambiente em que a família vive.

O que tem aprendido, diz, tem sido útil para melhorar o trabalho dos familiares na criação de caprinos, bovinos e nos plantios de feijão, milho e mandioca. No estágio, “aprendi o manejo correto de caprino e da produção animal, agora penso em cursar Agronomia e trabalhar pra mim mesmo”, conclui.



Foto: Marcelino Ribeiro

Experimentação - Um passo importante para a formação dos estudantes foi o investimento, feito pela Embrapa e Chesf, na montagem de uma infraestrutura de aprendizado tecnológico na escola: instalação de um viveiro para produção de mudas; doação de minibiblioteca com publicações e vídeos sobre tecnologias desenvolvidas pela Embrapa; e equipamentos para montagem de uma sala de beneficiamento de frutas (despoldadeira, freezer, seladora, estantes, mesa inox, liquidificador, fogão industrial e acessórios como panelas, batas, luvas, toucas, vasilhames, facas etc).

À época diretora da escola, a professora Adébora de Almeida Ribeiro destaca a “enorme importância” do Projeto Lago de Sobradinho. Para ela, a chegada de equipamentos necessários para o desenvolvimento das atividades fez a escola superar muitos entraves burocráticos para obter recursos para investir na educação.

Outro salto de qualidade na formação profissional dos alunos virá com a intensificação da experimentação agrícola em um terreno, adquirido pelos empregados da ativa e aposentados da Chesf e que está em processo de doação ao Colégio Sete de Setembro. Com dimensão de 2 hectares, a área está totalmente cercada, com rede elétrica instalada e um sistema de irrigação por gotejamento montado. No local, sob os cuidados de professores e alunos, já se pode ver plantios de espécies alimentares e forrageiras: feijão, milho, sorgo, guandu, leucena, gliricídia,

palma, atriplex, milheto e pornunça, além de fruteiras nativas.

O Colégio passa, assim, a dispor de local onde práticas pedagógicas e de experimentações agrícolas podem ser efetivadas de forma contínua para a grande maioria dos mais de 500 alunos matriculados nos cursos de Técnico em Agropecuária e Técnico em Agronegócio. A escola ainda oferece cursos para Ensino Fundamental e Médio, além de Serviços Públicos. A expectativa é que a prática dos conhecimentos difundidos em sala de aula forme uma geração de profissionais aptos a empreenderem atividades agrícolas ou a prestarem assistência técnica eficiente às propriedades e às políticas públicas de apoio aos agricultores e suas comunidades.

Atual Secretário de Educação de Sento Sé e ex-diretor do colégio, José Renato de Almeida Silva afirma que muito do trabalho desenvolvido hoje na escola é fruto da interação com o Projeto Lago de Sobradinho. A estrutura advinda daí expressa o compromisso que o colégio sempre buscou em se inteirar e se propor a elaborar soluções para os desafios colocados pelo desenvolvimento do município, principalmente com a formação competente dos estudantes. “Não há dúvida de que essa estrutura será o trampolim para um grande salto de qualidade para a instituição, especialmente com a criação de um sólido ambiente de ensino para práticas agrícolas inovadoras”, destaca.

Participação impulsiona melhores resultados dos projetos de desenvolvimento rural



Cultivos de melancia, melão e cebola apresentaram aumento na produtividade e economia de insumos.

A cooperação entre a Embrapa Semiárido e a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), por meio do Projeto Lago de Sobradinho, está assentada em metodologias participativas e em situações que aproximam o conhecimento científico-tecnológico das experimentações postas em prática por organizações da sociedade civil e agricultores. Essas ações diretamente no meio real, no entanto, remontam a um histórico de experiências e a um conjunto de estudos, por parte da Embrapa, que tiveram início ainda na década de 1970.

O pesquisador e coordenador do Projeto Lago de Sobradinho, Rebert Coelho Correia, relata que, até chegar a este modelo de intervenção, pesquisadores e técnicos da Embrapa Semiárido percorreram um longo itinerário de abordagens que, num primeiro instante, integrava uma orientação interdisciplinar e focada na propriedade agrícola sob determinada situação agroecológica, com o objetivo de confrontar práticas de produção com as ofertas de tecnologias da pesquisa.

Os resultados registrados em um projeto-anterior com essa orientação, executado em Ouricuri-PE, foi que a “adoção de inovações necessitava de um ambiente favorável que poderia ser potencializado em ações incrementadas nas comunidades rurais”, afirma Rebert. E foi o que se

buscou em outro ambiente físico, no distrito de Massaroca, Município de Juazeiro-BA, com a “adoção de métodos de planejamento e intervenção para o desenvolvimento rural, planejado e controlado pelos agricultores, em nível de comunidades rurais”.

O passo seguinte se deu com o projeto de “Desenvolvimento Comunitário da Região do Rio Gavião”, implementado de 1999 a 2016, em uma área de, aproximadamente, 14.000 km², compreendendo 13 municípios das regiões Sudoeste e Serra Geral do Estado da Bahia, que, à época contavam com, aproximadamente, 40.000 famílias quase totalmente em situação abaixo da linha de pobreza. Em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e do Governo do Estado da Bahia, por intermédio da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), órgão da Secretaria de Desenvolvimento Rural, o desafio enfrentado foi o de demonstrar a viabilidade técnica dos conhecimentos gerados pela pesquisa e o potencial das atividades agropecuárias do Semiárido brasileiro.

Com a Chesf, no Projeto Lago de Sobradinho, as ações estão voltadas para as unidades produtivas de agricultores familiares e de pescadores dos municípios do entorno do Lago de Sobradinho, prioritariamente, por meio de suas organi-

zações. Um instrumento metodológico adotado para compor esse conjunto de atores são os chamados Campos de Aprendizagem Tecnológica (CATs), em geral, com dimensão de 1 hectare.

Na estratégia operacional do projeto, os CATs são uma espécie de espaço pedagógico para experimentações técnicas individuais e comunitárias, e programação de atividades de formação e de capacitação. A localização e instalação obedece a uma dinâmica que remontou inicialmente à indicação de agricultores de perfil agregador, inovador, por vezes líder informal ou não, que agissem para favorecer um diálogo sócio-técnico entre as equipes do projeto e os segmentos agrícolas nas comunidades.

Segundo Rebert Correia, “resultados impressionantes” advieram dos 14 Planos de Ação que integram o Projeto Lago de Sobradinho. Em um deles, o de Olericultura, houve registro de incremento da produtividade acima de 80%, além da economia de 50% de água, 80% de fertilizantes e 30% de mão de obra. Em outro, relacionado à Apicultura, que teve ativa participação de professores e técnicos da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e da Bahiater em cursos de capacitação, a apropriação de inovações tecnológicas que fizeram as produtividades saltarem de aproximadamente 13 kg/colmeia/ano para cerca de 40 kg/colmeia/ano.

A favor destes resultados atuou sólida parceria institucional construída pela Embrapa e Chesf junto a entidades não governamentais, representantes dos movimentos sociais da região, Fórum de Integração, colônias de pescadores, cooperativas e associações de agricultores familiares e sindicato dos trabalhadores rurais. “A articulação ampliada junto a outros atores atuantes nos municípios será a base para a execução dos novos projetos e que devem incrementar a melhoria da segurança alimentar e a renda dos agricultores”, conclui o pesquisador da Embrapa.

Parceria pelo desenvolvimento rural no Vale do São Francisco

Por Rebert Coelho Correia*

Nas suas perspectivas institucionais, a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), com seu Programa de Responsabilidade Social, e a Embrapa Semiárido, com sua agenda de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I), estabeleceram uma dinâmica de cooperação técnica que tem materializado métodos, meios e instrumentos de apropriação de conhecimentos e de tecnologias pelos agricultores e suas organizações. Os resultados são significativos.

Nos municípios baianos do entorno do lago formado pela Barragem de Sobradinho - Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho - as equipes técnicas das duas empresas desdobram-se na execução de um amplo programa de capacitação e de experimentações agrícolas em meio real, que tem incrementado nas propriedades uma infraestrutura produtiva, impactando na geração de renda dos agricultores e no desenvolvimento das comunidades rurais.

Na estratégia de intervenção do projeto estabeleceu-se, em 2010, metas de beneficiar direta e indiretamente cerca de 594 e 9.000 agricultores familiares, respectivamente. Em outubro de 2017 esses números já eram bem maiores: 744 e mais de 13 mil.

Alcançou-se um público dessa dimensão em um processo de articulação com organizações da sociedade civil (associações, cooperativas, sindicatos, colônias de pescadores etc.) e instituições públicas de ensino, de assistência técnica e extensão rural, e de regulação ambiental. Além disso, firmou-se importante interlocução com as prefeituras municipais e suas secretarias de agricultura, meio ambiente e desenvolvimento rural.

Mais que isso, no entanto, o projeto se ancorava na pluriatividade agrícola que havia sido constatada nas visitas aos municípios ainda na etapa da sua elaboração. Assim, incorporou objetivos e



Rodolfo de Sá Cavalcanti e Rebert Coelho Correia, gestores do projeto pela Chesf e pela Embrapa, respectivamente.

metas não apenas em questões tecnológicas e na sua transferência para os sistemas de produção. Chesf e Embrapa foram ao campo como espaço de vida, onde agricultores, vaqueiros e pescadores convivem junto aos recursos naturais e à produção pecuária e agrícola, integrando-se na perspectiva da sustentabilidade.

Da mesma forma, incorporaram conceitos de que o Bioma Caatinga é também território e espaço de desenvolvimento, que guarda e conserva potencialidades sociais, econômicas e ambientais inerentes aos indivíduos, às famílias, comunidades e municípios.

Selou essa cooperação a determinação de atuarem para superar os impactos causados a milhares de ribeirinhos com a construção da Barragem de Sobradinho. À época, a população afetada se defrontou com a abrupta transformação dos seus hábitos e história.

O foco no desenvolvimento acelerado não percebeu o vazio cultural e tecnológico que as populações deslocadas das margens do rio e das áreas de influência da barragem tinham, para que pudessem se apropriar das novas oportunidades que se apresentavam. Estas populações possuíam valores e sistemas de produção e de vida pouco compatíveis com

aquelas que chegavam atraídas pelas obras da barragem e situações advindas da nova dinâmica.

Na avaliação do administrador Rodolfo de Sá Cavalcanti, gestor da Chesf do Termo de Cooperação com a Embrapa Semiárido, “os resultados obtidos, apesar dos devastadores efeitos da seca no Semiárido baiano, durante o período do projeto, são surpreendentes e auspiciosos, recuperam e/ou restituem perdas do público-alvo do projeto, levando esperança e júbilo aos beneficiados, e incentivo para a ampliação de ações e iniciativas por parte das empresas”.

De fato, os resultados obtidos neste projeto ensinaram a Chesf e a Embrapa Semiárido a estenderem a cooperação técnica e elaborarem novas propostas, com a finalidade de promover sistemas de produção agropecuários mais harmonizados com o bioma e que se traduzam no incremento da produtividade, na redução dos custos de produção e na melhoria da qualidade de vida dos agricultores e de suas famílias. Deste modo, se aproxima do desenvolvimento sustentável de comunidades rurais submetidas a sérios problemas sociais e econômicos.

* Pesquisador da Embrapa Semiárido e Coordenador do Projeto Lago de Sobradinho

“Trabalhosa mas gratificante”, diz piscicultora sobre criação de peixes no Lago de Sobradinho

A rotina é extenuante, com atividades que não podem deixar de ser executadas várias vezes, dia após dia, mesmo que esteja cravado no calendário como sábado, domingo ou feriado. Um descuido e Neuraci de Jesus Silva sabe que serão menos quilos de peixes a colher nos 54 tanques-rede que mantém no lago formado pela Barragem de Sobradinho, no Rio São Francisco, e, consequentemente, menor a renda com a qual sustenta os três filhos.

Na sede da associação Acripeixess, que mantém com mais quatros sócios - Albaneide Santos Pinto, Edivane Limoeiro de Sousa (presidente), Jocecino José dos Santos e Maria das Graças -, a sequência de atividades começa cedo e vai até à tardinha: carregar o carrinho de mão com um saco de ração de 25kg e depois percorrer um caminho inclinado e pedregoso de mais de 100m até a margem do rio, onde vai precisar transferir o saco para um barco. Em seguida, dar boas remadas até os tanques e, em cada um, encher uma vasilha com ração e jogar, para a alegria dos peixes confinados.

Ao longo do dia, e a depender do peso dos peixes, terá de repetir o percurso algumas vezes: se os peixes têm de 5g a 60g, serão 6 vezes; de 100g a 200g, vai repetir quatro vezes; três, quando têm entre 400g e 600g; e duas se pesam acima de 700g.

Quase sempre sozinha nessas atividades, Neuraci não reclama. Na verdade, aos 40 anos, se considera realizada.

Nascida em Itiúba, região sisaleira da Bahia, há 12 anos desembarcou em Sobradinho com pai, mãe e irmãos na expectativa de melhorar de vida, como pescadores. E a essa atividade se dedicaram por vários anos na nova cidade.

Para ela, em 2003, o ingresso na associação mudou “muito” a dinâmica da sua vida de pescadora. Ao passar a criar peixes (Tilápia Rosa) em tanques-rede instalados em um único lugar, deixou de precisar se deslocar pelo rio para pontos distantes em jornadas que, por vezes, podiam levar mais de dias.

“Uma vez, para construir a casa que moro hoje, passei três meses pescando, vivendo debaixo de lona. A filha, tive de deixar com a vizinha para que não faltasse a escola”, revela.

Se, por um lado, facilitou o trabalho num só local, por outro aumentaram as ocupações com manejo dos peixes criados em cativeiros, com a racionalização dos recursos necessários à boa produtividade dos lotes instalados em cada um dos 54 tanques de

sua propriedade e, ainda, com as estratégias de comercialização. Quando começou tinha somente 12 tanques.

Projeto - Ao iniciar as atividades, a Acripeixess era formada por 25 filiados. Atualmente está reduzida a cinco – quatro mulheres e um homem que, desde 2013, participam das atividades do Projeto Lago de Sobradinho, junto com pesquisadores e técnicos da Embrapa Semiárido e da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf).

Com a estratégia de experimentar técnicas de produção em meio real, os coordenadores do projeto fizeram a cessão de seis tanques-rede para cada um dos associados e eles passaram a ter o compromisso de, a cada 15 dias, registrar informações detalhadas acerca da quantidade de ração fornecida, peso,

preço dos peixes, dentre outros dados que auxiliam na elaboração de inovações técnicas e gerenciais para ampliar a produtividade dos piscicultores.

De acordo com o coordenador do projeto, o pesquisador da Embrapa Semiárido Rebert Coelho Correia, “os dados nos permitem fazer um balanço da produção e ser mais precisos nos cálculos de rentabilidade da piscicultura. Temos constatado rendimentos de cada membro que chega a quase R\$ 3.000,00 por mês. Melhor que o obtido em muitas atividades na região”, garante.

A atuação do projeto nessa área está relacionado ao Plano de Ação 7 (Reestruturação da pesca e da piscicultura), que está sob a gestão da pesquisadora Daniela Bacconi Campeche, da Embrapa Semiárido. Segundo ela, a atividade precisa da rápida iniciativa dos órgãos responsáveis para superar problemas como a falta de licenciamento ambiental, que impede o acesso dos produtores ao crédito bancário.

“Esse é o maior gargalo relatado por 100% dos produtores locais atualmente. Ter uma atividade deste porte, com lucratividade e sem financiamento, é só para quem realmente tem afinidade com a

atividade”, garante Daniela.

“Todos os produtores já dominam o manejo da produção, sabem escolher bons fornecedores de alevinos e de rações. Mas ainda falta melhorar a gestão do negócio como um empreendimento, o planejamento estratégico e o controle de qualidade para ter um pescado mais homogêneo”, afirma.

Com relação ao projeto, a piscicultora Neuraci Silva é categórica: “Conheci e gostei”. Continua ela: “O cooperativismo aqui é realidade, um ajuda o outro. Quatro pessoas vivem do peixe, só um tem outra atividade”. Ela própria exercia outra profissão, e tem até formação para isso – é Técnica em Enfermagem. Mas de antemão já avisa que não pretende mudar sua atuação.

“Talvez eu tivesse que trabalhar em vários hospitais para ter a renda que tenho aqui e sem a mesma alegria. Então, eu prefiro trabalhar com o peixe”, explica com um riso de satisfação.

O peixe de Neuraci, já tratado (sem as vísceras), tem destino certo: “viaja” para cidades baianas como Capim Grosso, Campo Formoso e Itiúba, onde é comercializado.

“Trabalho no que gosto, me sustento e ainda sustento meus filhos.”

Neuraci de Jesus Silva

Foto: Laércio Lucas Silva Lima

